
Morte e mistério: uma reflexão imagética sobre a capa e reportagem de capa da edição 2350 da Revista Veja¹

Bibiana de Moraes DIAS²
Michele NEGRINI³
Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

RESUMO

A capa e a reportagem de capa da revista Veja, edição 2530, de 17 de maio de 2017, são o foco deste estudo, que busca compreender, através de uma análise semiótica, o modo da revista narrar a vida da ex-primeira dama, Marisa Letícia Lula da Silva, a partir de sua morte, e a forma como há remissão da morte com envolvimento políticos do seu marido, o ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva. Tomamos como suporte teórico-metodológico olhares da semiótica.

PALAVRAS-CHAVE: semiótica; morte; Revista Veja; imagem.

Aspectos introdutórios

A morte é uma temática constante no espaço dos meios de comunicação e o falecimento de pessoas famosas se mostra como um subsídio para a delimitação de pautas jornalísticas e para a tessitura de narrativas voltadas à construção de biografias. Os obituários permeiam as construções narrativas dos mais diversos dispositivos comunicacionais e adentram na perspectiva de perpetuação de memória. Tratando-se de mortes de pessoas com imbricações ao meio político, o assunto pode ir além da construção de relatos biográficos e adentrar na seara de construções discursivas mais complexas.

Ao falarmos da morte de Dona Marisa Letícia, que foi primeira dama do Brasil no período de 2003 a 2010 e que faleceu no dia 3 de fevereiro de 2017 - em decorrência de um acidente vascular cerebral, fazemos aferição a um assunto que foi abordado, de formas distintas, nas mais diversas mídias. Interessa-nos, no exercício reflexivo, adentrar na

¹ Trabalho apresentado na IJ 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Bacharela em Jornalismo pela UFPel, pós-graduanda em Docência do Ensino Superior, Anhanguera Educacional. E-mail: bibianamdias@gmail.com

³ Orientadora do Trabalho. Doutora em Comunicação pela PUCRS. Tem Pós-doutorado pela UFBA, no programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Professora da Universidade Federal de Pelotas. Integrante do núcleo de pesquisadores do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele). E-mail: mmnegrini@yahoo.com.br

observação da narrativa que a revista *Veja* constrói em relação à morte da ex-primeira dama. A Capa de *Veja*, edição 2530, de 17 de maio de 2017, se mostra como profícua para reflexões por adentrar na temática do fim da vida de dona Marisa e por fazer remissões ao meio político. Da mesma forma, a reportagem alusiva à capa tem elementos pertinentes e intrigantes para estudos e para ponderações. Sobre a importância da capa, vale resgatar o pensamento de Cappelari e Negrini (2016, p.106):

Geralmente, o primeiro contato do leitor é com a capa, e é a partir dela que se desperta o interesse pelo conteúdo interno. Em alguns casos, a leitura de uma revista se restringe somente a este elemento inicial, porque comumente os veículos de comunicação divulgam suas capas na internet e, também, outro fator que contribui para essa leitura restrita está associado à forma de exposição da revista em pontos de venda. Sendo assim, muitas pessoas, mesmo não adquirindo o produto físico ou digital, realizam a leitura do texto e imagem presentes na capa.

A edição 2530, de 17 de maio de 2017, traz na capa sentidos que remetem à intersecção de dois assuntos polêmicos que são: a morte e a política. Em uma manchete destacada “A MORTE DUPLA”, a revista faz remissão ao falecimento de Dona Marisa e ao depoimento de Luiz Inácio Lula da Silva, ao juiz Sérgio Moro, que aconteceu no dia 10 do mesmo mês de publicação da edição em questão. O depoimento que o político, como réu, prestou a Sérgio Moro, em Curitiba, durou quase cinco horas e foi realizado sob a acusação de que o ex-presidente teria recebido R\$3,7 milhões de propinas oriundas da Petrobras⁴.

A observação de *Veja* foi imputada pela revista ser conhecida por ter um posicionamento polêmico em relação a fatos políticos e a assuntos que permeiam esta esfera. E, também, pela conjuntura de *Veja* ter um extenso retrospecto em coberturas políticas. Como aponta pesquisa apresentada por Biroli, Miguel e Mota (2011), a revista foi a primeira colocada, no ano de 1989, em número de publicações com pesquisas eleitorais.

Em 1989, as pesquisas estiveram associadas à afirmação do potencial de sucesso de Fernando Collor, até então desconhecido pelo eleitorado nacional. É elucidativo singularizar o comportamento da revista *Veja*, que já ocupava o posto de principal revista de informação nacional e desempenhou um papel relevante na projeção da liderança política de Collor. Nos quatro meses que antecederam o segundo turno de 1989, *Veja* sozinha divulgou pesquisas em 45 matérias, 20 das quais receberam chamada de capa. Sua concorrente *IstoÉ* divulgou apenas 13

⁴ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/veja-como-foi-o-dia-do-depoimento-de-lula-a-curitiba/>. Acesso em 27 de fevereiro de 2019.

pesquisas em 1989, com 9 chamadas de capa. (BIROLI; MIGUEL; MOTA, 2011, p.12-13).

Diversos momentos significativos da política brasileira e, também, escândalos ganharam destaques nas capas de Veja. E reiterando o seu perfil de veículo com afinidades com temas políticos, Capellari (2015) aponta que no dia 15 de novembro de 2013, o site de Veja publicou um vídeo⁵ com a chamada: “Relembre as denúncias que revelaram o escândalo do mensalão”. O vídeo trazia a informação de que o mensalão foi tema de 29 capas da revista. Capellari (2015) assinala ainda que há muitas polêmicas no cenário político que fizeram parte de reportagens e capas da revista Veja. E que, desde 1987 até 2014, pelo menos 66 escândalos que foram matéria na revista Veja.

O posicionamento da revista em relação ao denominado “escândalo do Petrolão” pode começar a ser analisado a partir da seção que o veículo criou em seu site, denominada “Petrolão”⁶, onde são reunidas, em ordem cronológica, as notícias que abordam o tema. É possível perceber que a maioria das notícias presentes nesta seção é de autoria de um mesmo colunista: o jornalista Augusto Nunes. Com posicionamentos claros e abertos, utilização de imagens em que personagens vinculados ao Partido dos Trabalhadores (PT) ilustram sentimentos negativos e grande presença de adjetivos, muitas vezes, beirando a uma antiética jornalística, Augusto trata, em sua coluna, de temas políticos e, em sua maioria, relacionados ao PT, partido ao qual pertence o ex-presidente Lula.

Ora, conforme citamos anteriormente, a maior parte das notícias publicadas pela revista Veja sobre o Petrolão são assinadas pelo jornalista em questão e, desta forma, todas elas acabam por possuir um teor bastante posicionado e contundente se levarmos em conta alguns preceitos básicos jornalísticos como aqueles citados por Traquina (2012): Liberdade, credibilidade, associação com a verdade, rigor, exatidão, honestidade, noção de equidistância e objetividade. Desta forma, a partir do constante posicionamento de Veja em relação a fatos de ordem da política e da polêmica capa da revista em relação à morte da ex-primeira dama, Marisa Letícia Lula da Silva, este estudo tem como foco observar, as imagens de capa e a principal imagem da reportagem de capa da revista Veja, edição 2530, de 17 de maio de 2017, buscando entender o modo da revista a vida da ex-

⁵ Relembre as denúncias que revelaram o escândalo do mensalão. Veja on-line, São Paulo, 12 jul, 2015. Disponível em < <http://veja.abril.com.br/multimedia/video/como-veja-comecou-a-investigacao-sobre-o-mensalao/> > Acesso em: 12. jul. 2015.

⁶ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/noticias-sobre/petrolao/>. Acesso em 26 de fevereiro de 2019.

primeira dama, Marisa Letícia Lula da Silva, a partir de sua morte, e a forma como há remissão da morte com envolvimento político de Lula

Adentrando na seara da morte

Temos consciência de que a morte é um assunto repleto de complexidades e adentrar em sua seara é fazer remissão a um assunto com diversas interpretações. Ao falar sobre a morte, Dastur (2002) assinala que a relação dos seres humanos com a morte demarca a vida. Negrini (2010, p.19) se apropria do pensamento de Dastur:

Dastur (2002) salienta que o conhecimento que as pessoas apresentam do próprio fim é que torna possível a relação que os humanos têm com a própria mortalidade. O morrer não é apenas uma determinação exterior da existência, um acidente, mas um atributo essencial do homem. Para a pensadora, o conhecimento do homem acerca de sua finitude é tão fundamental para a sua essência como a linguagem, o pensamento e o riso, e a humanidade só alcança a consciência de si mesma através do enfrentamento da morte.

Ao dispensar olhares sobre a finitude humana, Edgar Morin (1988) avalia a importância da consciência da morte entre os humanos e assinala que ela é ponto basal para a constituição deles. Faz parte do pensamento do autor o entendimento de que é no momento da morte que o homem se mostra ao mundo. As atitudes do homem diante do fim da vida mostram suas diferenças em relação aos outros seres vivos. De acordo com o autor (1988, p. 16-17):

A morte situa-se exatamente na charneira bioantropológica. É a característica mais humana, mais cultural, do *anthropos*. Mas se, nas suas atitudes e crenças perante a morte, o homem se distingue mais nitidamente dos outros seres vivos, é aí mesmo que ele exprime o que a vida tem de mais fundamental. Não tanto o querer viver, o que é um pleonasma, mas o próprio sistema de viver.

As inferências de Morin (1988) e de Dastur (2002) nos levam a acionar o pensamento de que o homem se vê como tal com o conhecimento de sua condição de mortal. E que a morte é basal para o delineamento de toda a vida. Nesta seara, os pensamentos dos dois autores dialogam quando o assunto é a consciência da morte.

Ainda na discussão sobre a complexidade da morte e da importância de sua relação com os seres humanos, Chiavenato (1998) acentua que ela é um tema delicado e controverso para a humanidade. Morin (2005), em suas reflexões sobre o assunto, demarca que é na finitude que ocorre a maior ruptura entre o espírito do homem e o mundo

biológico. “Na morte, encontram-se, chocam-se, ligam-se o espírito, a consciência, a racionalidade e o mito” (MORIN, 2005, p. 45).

O olhar das pessoas para a morte é um ponto que tem variações e que vai estar relacionado a diversas questões, como a sociedade, a localização geográfica, a cultura e o momento histórico em que se dá. E, como estamos argumentando que a temática é permeada por controvérsias, as visões são distintas, mesmo em uma mesma sociedade e em um mesmo tempo histórico. Loureiro (1998) faz apontamentos sobre as diferenças que se manifestam nas formas de olhar para a finitude humana:

As atitudes diante da morte dependem das relações que os homens mantinham uns com os outros e com a natureza, do seu apego a bens e de sua religião. No passar inexorável do tempo, as relações entre os homens modificam-se e as imagens que o homem faz da vida e da morte se diferenciam (LOUREIRO, 1998, p. 92).

No decorrer do processo histórico, as atitudes diante do fim da vida têm tido ressignificações e novos delineamentos; e os movimentos do homem diante da morte vão sendo transformados e o assunto tem sido alardeado entre os mais diversos públicos. Os meios de comunicação e as redes sociais são agentes importantes no contexto da propagação do tema. Na tentativa de entendimento acerca do consumo da morte nos meios de comunicação, Morin (1997) explica que o homem sacia os seus desejos de sadismo, que sofrem repressões pela ordem social, através da apreciação da finitude humana no espaço dos meios de comunicação. Os desejos de crueldade e os assassinatos reprimidos pela ordem social podem ser personificados através dos *fait divers* apresentados na mídia. De acordo com o pensamento de Morin (1997, p. 114, grifo do autor):

À proliferação das violências imaginárias se acrescenta a vedetização das violências que explodem na periferia da vida cotidiana sob formas de acidentes, catástrofes, crimes. A imprensa da cultura de massa abre suas colunas para os *fatos variados*, isto é, para os acontecimentos contingentes que só se justificam por seu valor emocional.

No pensamento do autor, é através da cena midiática que o homem vivencia, com toda a segurança, a experiência da insegurança; presencia passivamente a guerra, vivencia passivamente a experiência do homicídio e “sofre” inofensivamente a experiência da morte. A violência na mídia não existe somente pela necessidade do homem de fazer a experiência do homicídio, mas pela sua necessidade de viver a morte, de conhecê-la. “Os grandes criminosos são, portanto, literalmente, os bodes expiatórios da coletividade” (MORIN, 1997, p. 115).

No espaço dos meios de comunicação, diversas mortes são apresentadas. E para fazer parte da pauta jornalística de veículos de circulação nacional – como a Revista Veja, a morte, geralmente, tem que ter características próprias e singularidades, que atentem o olhar do público e que despertem o interesse dos espectadores. No caso da morte de Dona Marisa, por se tratar do falecimento de uma ex-primeira dama do Brasil, os meios de comunicação fizeram amplas coberturas ao fato. O tratamento do falecimento nos veículos de comunicação despertou olhares de diversos pesquisadores, como o de Sacramento, Machado e Negrini (2018). Eles analisaram a cobertura do Jornal Nacional à doença e à morte de Dona Marisa e relacionaram a morte à preservação da memória: “Entendemos que a morte de personalidades públicas é um momento para observar os modos como o jornalismo enquadra a memória coletiva ao narrar a vida a partir da morte” (SACRAMENTO, MACHADO, NEGRINI, 2018, p. 127). Eles acrescentam: “A morte de famosos é uma oportunidade para se analisar os trabalhos de enquadramento da memória coletiva na narrativa sobre uma trajetória individual” (SACRAMENTO, MACHADO, NEGRINI, 2018, p.129). A partir das inferências dos autores sobre as relações da morte com enquadramentos de memória, vale destacar a importância da reflexão sobre a capa de Veja, edição 2530, de 17 de maio de 2017, que traz como destaque a morte de Dona Marisa Letícia.

A referida capa despertou diversas polêmicas na sociedade e o ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva chegou a processar a revista pedindo indenização por danos morais. Uma reportagem da Folha de São Paulo, de Joelmir Tavres, publicada em 15 de março de 2018, destacou que a Justiça de São Paulo deu resposta negativa ao pedido de Lula de indenização contra a Revista Veja.

A morte e a política em Veja

A revista Veja começou sua distribuição em 1968, e tem como seus fundadores dois jornalistas: Roberto Civita e Mino Carta. Mino é atualmente diretor de redação da revista Carta Capital, que no cenário atual se apresenta como contrária a Veja, o jornalista pertenceu a revista Veja durante a década de 70, período ditatorial brasileiro, onde a revista sofreu diversas censuras pelo governo militar⁷.

⁷ Informações disponíveis em <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/veja-7-8211-nos-tempos-da-censura/>. Acesso em 23 de outubro de 2018.

Veja é publicada pela editora Abril, fundada em 1950, e categoriza-se como a maior editora do segmento na América Latina, sendo responsável pela publicação de 11 títulos. O Grupo Abril é um dos maiores conglomerados de comunicação e distribuição da América Latina. Ele contempla não apenas a editora, mas outras empresas e holdings das áreas de mídia, gráfica, distribuição e logística⁸. De acordo com De Lima (2001), a concentração de propriedade, com ênfase no setor de comunicações, é consequência da convergência tecnológica ocasionada pela globalização contemporânea, processo que, além de fazer com que poucas e grandes empresas tomem ainda mais destaque, também age e traz consequências menos escancaradas, mas igualmente importantes, De Lima (2001, p. 95) cita duas delas:

[...] a primeira é a fusão das diferentes políticas públicas - até então formuladas isoladamente para as áreas de telecomunicações, *mass media* e informática – em uma única política de comunicações; a segunda é a presença dos novos *global players* (conglomerados empresariais) e organismos internacionais [...] como poderosos atores na formulação dessa política de comunicações, em nível tanto nacional como internacional.

Ora, a revista Veja, apesar de abordar diversas editorias como esporte e educação, por exemplo, tem, como falado anteriormente, muitas de suas reportagens especiais e de capa voltada à política, consolidando-se no cenário de veículos de comunicação do país como uma revista que tem na sua essência a abordagem política e sendo reconhecida por isso. Ademais, a temática política acaba por não aparecer e ser debatida apenas nas pautas pertencentes a esta editoria, ela, como sabemos, está presente em todos os outros setores da sociedade e acaba por ser trazida à tona também nas matérias das demais editorias.

Metodologia

Para a realização da análise e a fim de atingirmos os objetivos apontados acima, consideramos que se faz necessária a utilização de uma abordagem a partir da semiótica, tendo como base para tal os conceitos estabelecidos e elucidados por Eco (1991). De maneira geral, entendemos a semiótica, de acordo com Candello e Hildebrand (2007, s.p.), como uma teoria que “[...] refere-se ao estudo do raciocínio correto, que ajuda a agir razoavelmente, especialmente através do autocontrole crítico, que o pensamento lógico auxilia a desenvolver através dos signos”, assim, ao longo da análise a seguir, buscaremos

⁸ Informações disponíveis em: <http://abril.assineabril.com.br/grupoabril/>. Acesso em 23 de outubro de 2018.

desvendar e compreender os signos presentes na capa e reportagem da revista veja, edição 2530, sobre a morte de Dona Marisa Letícia.

Ora, para organizar e agilizar o processo de análise, iremos realizar uma adaptação da metodologia proposta por Candello e Hildebrand (2007), adequando as características do método, criado para utilização em revistas digitais, às peculiaridades da revista impressa.

Os autores propõem em sua metodologia, uma abordagem dividida em três etapas, como é característico da semiótica peirciana. A primeira consiste na análise do signo como qualidade, relacionada à primeiridade e aos elementos qualitativos. A segunda, relacionada com a secundidade, vê o signo como existente e trabalha com os seus elementos relacionais, ou seja, as conexões e interações dele e com ele. Já a terceira etapa, ligada à terceiridade busca compreender a generalidade do signo de acordo com seus elementos internalizados (CANDELLO e HILDEBRAND, 2007).

Os autores ainda explicam:

Uma das riquezas da Teoria de Peirce é a visão generalista e lógica de organização dos signos. No entanto, as especificidades de cada linguagem, nesse caso as cores, as formas, as animações, os sons dos signos digitais, a funcionalidade, a navegabilidade, a usabilidade das interfaces criadas devem ser profundamente analisadas, pois aí também se encontram os elementos significantes e os significados que irão permitir a compreensão do signo em sua totalidade (CANDELLO e HILDEBRAND, 2007, s.p.).

É justamente neste ponto que estabelecemos nossa visão particular em relação à metodologia, adaptando-a para a aplicação em análises de revistas impressas. As especificidades como cores e formas serão utilizadas por nós, já as demais particularidades do meio virtual serão substituídas por outras, tais como: escolha de fontes, disposição gráfica de textos e imagens, planejamento gráfico relacionado à localização de títulos, subtítulos e corpo do texto, dentre outras.

Ora, se vamos nos utilizar dos signos ao longo de toda a análise, se faz necessário que conceituemos, de acordo com Peirce, ainda que de maneira bastante breve, algumas noções imprescindíveis ao estudo destes. É importante registrar que aqui, de acordo com as teorias semióticas de Charles Peirce (1839-1914), entendemos o signo como sendo a unidade semiótica, o objeto de estudo da teoria. E ainda, de acordo com Hermes (2006, p. 113), observamos que “O signo constitui-se na relação triádica entre o representamen (o signo em si), o objeto e o interpretante.”, ou seja, o signo é composto por esta tríade,

sendo o representamen o próprio signo em questão, o objeto o que de fato é este signo e o interpretante a visão do sujeito sobre o signo.

Os signos também se dividem em três tipos, sendo eles o ícone, o índice e o símbolo, tríade que, segundo Hermes (2006), é a mais conhecida forma de classificação peirciana sobre os signos. Sendo ícone algo que remeta ao objeto, como uma ilustração ou uma foto, índice algo que tem algum tipo de relação com o objeto, mas não é o próprio (como a fumaça é para o fogo), e símbolo uma convenção associada ao objeto (como uma placa de trânsito, por exemplo).

Análises

A revista em análise e, mais especificamente, suas imagens, possuem diversos elementos que remetem e passam sentidos, de maneira que a análise semiótica parece ser não apenas cabível mas, também, importante neste caso para que percebamos ainda mais os sentidos transmitidos pela revista.

Para fins de melhor organização e desenvolvimento do trabalho, realizaremos a análise em etapas, sendo feita primeiro a análise da capa da edição (Foto 1) e posteriormente da imagem principal presente no miolo, junto à matéria. Posteriormente, caso seja necessário, serão elencadas e comparadas semelhanças entre os sentidos produzidos em cada uma das partes supracitadas.

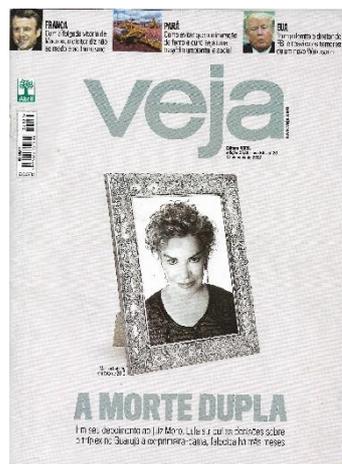


Figura 1 – capa da revista em análise

A começar pelos elementos de primeiridade na capa da revista, observamos em destaque, no centro da página, um porta retrato prateado com a foto de Marisa Lécia em preto e branco, o fundo que ocupa toda a página é de uma cor cinza claro, levemente tendendo para o rosa, as letras tanto do logo da revista quanto da chamada para a matéria

são de cor verde menta, que, conforme o fundo também não se destacam muito. Existe bastante espaço vazio na capa em análise.

Quando nos aprofundamos mais em cada um dos elementos aqui citados em relação à capa (e desta forma passamos então à secundidade), percebemos detalhes mais específicos destes. O porta retrato, que é colocado como elemento principal e centralizado na capa, tem entalhes e arabescos no mesmo tom, remetendo à ideia de distinção e dando um ar antiquado e de certa forma sombrio, remetendo às pompas fúnebres.

Na foto, Dona Marisa Letícia, além de aparecer em preto e branco, como já foi comentado acima, está maquiada, com os cabelos delicadamente arrumados, usando brincos longos e que aparentam ter pedras. A roupa da ex primeira dama, ao que se pode perceber pela foto, é escura e de tecido encorpado, com detalhes em tule e renda, elementos que trazem também a ideia de luxo e distinção. A expressão e o semblante de Marisa Letícia na foto apresentada conferem um ar de mistério e dúvida, a se ver pelo posicionamento do rosto que olha para a câmera por cima dos olhos, o discreto sorriso com a boca fechada, levemente inclinada para um dos lados também contribui para tal ideia.

A cores de fundo e das letras principais compõem, junto aos tons de cinza do porta-retrato, uma paleta de cores pálida e sóbria, que conta com poucos destaques ou elementos chamativos, mantendo as mesmas nuances de tom e assim se tornando amena aos olhos do leitor.

Ora, ao partirmos à terceiridade, muitos sentidos são produzidos pelos elementos elencados acima, de forma que eles conversam entre si e controem, de certa forma, um sentido único, que, como veremos será mantido também no miolo da revista, na matéria em questão. É possível perceber que os elementos convergem à uma noção que muito se aproxima do título da matéria: “A morte dupla”. Não apenas o porta-retrato remete às pompas fúnebres, como observamos acima, mas também a composição de cores e todo o posicionamento e elementos da foto compõem este cenário.

Neste caso, a revista coloca a morte não como uma tragédia ou um mero evento a ser explorado, mas trabalha, desde a capa com o lado sombrio e misterioso da morte, trazendo detalhes e características que remetem a isso muitas vezes sem que o leitor perceba diretamente logo no primeiro olhar. As cores, apesar de não serem em sua totalidade tons de preto e cinza, são sóbrias e neutras, quase “desmaiadas”, pálidas e frias,

tons que não apenas fazem com que os olhares se voltem ao objeto principal (o porta-retrato), mas que também contribuem para a ideia de mistério da morte.

Este mistério é ainda mais evidenciado pela foto escolhida para compor a capa, nela, Marisa Letícia, como foi falado acima, tem um ar também misterioso e duvidoso. A escolha por utilizar a imagem em preto e branco contribui para esta ideia, que junto aos elementos do porta-retrato, constroem uma imagem de luxo e distinção completamente carregada pelo mistério da morte, remetendo às pompas fúnebres e misteriosas, sentindo que será desenrolado ao longo da matéria, no interior da revista.

Na página 46 da revista encontramos o início da matéria em questão, estendendo-se até a página 51. Nas duas primeiras páginas, podemos notá-las cobertas praticamente em sua totalidade por uma foto: Marisa Letícia e Lula abraçados (Foto 2). Sem muitas análises, é possível perceber que consideramos que se tratam de duas fotos capturadas de ângulos diferentes, no entanto, é um espelho presente em uma das paredes que nos proporciona esta percepção.



Figura 2 – imagem principal da matéria

Ainda na primeiridade, vemos Marisa vestindo um blazer vermelho de zíper, com unhas combinando no mesmo tom e brincos de pedra brilhantes e Lula trajando um terno cinza elegante, mas que não chama muito atenção, no peito do ex-presidente um *pin* com a bandeira do Brasil destaca-se. Ao fundo do casal, uma parede requintada coberta por um papel de parede estampado de flores e ramos com fundo bege e detalhes em verde e vermelho, fixado na parede, acima do casal, é possível observar um candelabro dourado e arabescado com três lâmpadas dispostas, toda esta composição remete à algo pomposo e antigo.

No chão da sala em que se encontra o casal, podemos observar, através do reflexo do espelho, um tapete também estampado, desta vez com estampa geométrica e, também,

em tons de vermelho e bege. Tanto a própria presença do tapete, como também seus detalhes conferem ar de solenidade e luxo à composição.

Ao partirmos para a secundidade, observamos que a presença do reflexo do espelho na foto tornou possível que o casal fosse analisado em mais detalhes e profundidade. O semblante e expressão do casal também é passível de análise, o ex-presidente aparece de olhos fechados e com leve sorriso, tocando a testa na testa da esposa e abraçando-a, com ar de ternura, uma postura amorosa e que remete à intimidade e cumplicidade. Marisa, por sua vez, está com os braços postos aos lado do corpo, com os olhos abertos, olhando para o marido, um sorriso também é esboçado pela mulher, que parece dirigir a Lula.

Em letras grandes e em cor branca, postas em cima da foto em questão, é possível ler, em caixa alta: “Cherchez la femme” e abaixo “Em depoimento, Lula atribui as decisões do triplex à falecida esposa e parece sugerir, como nas histórias francesas, que a chave dos mistérios é a mulher”, ainda abaixo desta linha de apoio constam os nomes dos jornalistas que produziram a matéria.

O branco ressalta bastante e chama a atenção logo ao abrirmos a revista na página em questão, a fonte robusta e em itálico contribuem para este processo. Como no restante da foto não são encontrados muitos elementos brancos (ao contrário, a paleta de cores da imagem é bastante escura), os dizeres acabam se sobressaindo ainda mais.

Ao chegarmos à terceiridade, outros aspectos evidenciam-se através daquilo que já foi percebido nas outras duas instâncias. É possível perceber que a exploração dos dois ângulos na foto (o real e o virtual, produzido pelo reflexo do espelho), além de proporcionarem uma maior possibilidade de visualização da cena, também remetem à ideia de dualidade e continuam reforçando o mistério já presente na capa da edição.

O posicionamento de corpo de Marisa Letícia em comparação com o de Lula, mostra a mulher mais contida, enquanto o ex-presidente a abraça de olhos fechados. O olhar de Marisa também remete à dualidade e mistério nesse caso, pois ela observa o companheiro enquanto este parece, de certa forma, “desprotegido”. Ainda, a cor utilizada pela ex primeira dama em sua roupa, esmalte e batom, chama a atenção e destaca-se dos tons terrosos e sóbrios do restante da imagem.

Percebemos, então, que tanto a capa da revista quanto a principal imagem que ilustra a matéria trazem um ar de mistério e suspense, que de todo combina com o tema abordado ao longo do texto: O depoimento de Lula sobre o triplex e como o ex-presidente

abordou a esposa, na época já falecida. Ao trazer Marisa Letícia, já falecida, como figura principal de uma matéria em que na verdade o personagem principal é seu marido, a revista acaba por desenvolver toda a sua narrativa em volta não apenas da ex-primeira dama, mas de sua morte, explorando todo este campo.

A capa constrói o início da narrativa trazendo, em traços minimalistas, aquilo que será desenvolvido também durante a matéria em si: a morte de Marisa Letícia e a reafirmação desta como algo misterioso, sombrio e desconhecido, que abriga segredos.

Conclusões

Ora, através das análises realizadas ao longo deste trabalho e das reflexões teóricas feitas no mesmo, é possível que compreendamos, através da semiótica, não apenas como as imagens e a composição destas produzem sentidos e trazem significados em si mesmas, mas também a importância do fotojornalismo e da diagramação na produção de sentidos de uma revista.

Abrem-se reflexões sobre como a revista explorou esta dualidade na intimidade do casal, que aparentemente vivia uma relação normal, mas que com a morte de Marisa Letícia, outros sentidos e possibilidades foram revelados (principalmente através do discurso de Lula ao juiz Sérgio Moro, sobre o tríplice). A revista Veja, na edição analisada, explorou justamente esta relação e a probabilidade de haver algo por trás da mesma.

Além desta exploração que surgiu a partir do depoimento do ex-presidente, a revista explorou não apenas o perfil de Marisa Letícia (sendo ela a capa da revista e a personagem em destaque na foto do miolo), mas também o fato da morte dela e o impacto que esta teve em todo o processo. Como foi falado, tanto na capa, que ressaltou a ideia das pompas fúnebres e do mistério da morte, quanto na foto do miolo da revista, que reforçou a ideia de mistério e de que este poderia estar presente desde antes da morte da ex-primeira dama, a revista construiu seu discurso (imagético, ao menos) em volta de como o ex-presidente abordou a figura da mulher em seu depoimento à Moro.

Desta forma, compreendemos na utilização da figura de Marisa Letícia como foco principal uma tentativa de abordar a pauta através de outro viés que não apenas o que trata diretamente do depoimento do ex-presidente Lula. A utilização da morte como ponto principal torna a matéria ainda mais chamativa, pois instiga, através dos recursos imagéticos analisados aqui, a curiosidade do leitor em respeito não apenas a pauta em si mas também à interligação da morte da ex-primeira dama com o caso.

Referências

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luís Felipe e MOTA, Fernanda Ferreira. **Mídia, eleições e pesquisa de opinião no Brasil (1989-2010): um mapeamento da presença das pesquisas na cobertura eleitoral**. In: Revista Compolítica, n. 1, vol. 1, ed. março-abril, ano 2011. Rio de Janeiro: Compolítica, 2011.

CANDELLO, Heloisa Caroline de Souza Pereira e HILDEBRAND, Hermes Renato. **Metodologia de análise semiótica aplicada a publicações digitais**. In: 4º Congresso Internacional de Pesquisa em Design, n.4, 2007. Rio de Janeiro. *Anais...* Dourados: GPESD/UEMS, 2007, s.p.

CAPPELLARI, Thuanny. **Análise da reportagem de capa da revista Veja Edição 2.397 de 29 de outubro de 2014**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal de Pelotas. 2015.

CAPPELLARI, Thuanny; NEGRINI, Michele. Petrolão: capa da revista Veja Edição 2397 de 29 de outubro de 2014 e a imagem de Dilma e Lula. **Leituras do Jornalismo**, v. 2, p. 17-33, 2016.

CHIAVENATO, José Júlio. **A morte: uma abordagem sociocultural**. São Paulo: Moderna, 1998.

DASTUR, Françoise. **A morte: ensaio sobre a finitude**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

DE LIMA, Venício A. **Mídia, teoria e política**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1991

HERMES, Gilmar. Da história da arte para as mídias. **Fronteiras-estudos midiáticos**, v. 8, n. 2, p. 112-122, 2006.

LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. **A velhice, o tempo e a morte: subsídios para possíveis avanços do estudo**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Portugal: Publicações Europa-America, 1988.

NEGRINI, Michele. **A morte em horário nobre: a espetacularização da notícia no telejornalismo brasileiro**. Tese defendida no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do RS, 2010.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. Edições Achiamé Ltda: Rio de Janeiro, 1983.

SACRAMENTO, Igor; MACHADO, Izamara Bastos; NEGRINI, Michele. **A morte de Dona Marisa Letícia: o biográfico e os trabalhos da memória no Jornal Nacional**. *Contracampo*, Niterói, v. 37, n. 03, pp. 126-148, dez. 2018/ mar. 2019.

TAVARES, Joelmir. **Lula perde ação contra revista Veja por capa sobre Marisa**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/03/lula-perde-acao-contra-revista-veja-por-capa-sobre-marisa.shtml>. Acesso em 12 de janeiro de 2019.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**. 3ª. ed. Florianópolis: Insular, v. 1 - Porque as notícias são como são, 2012.

VEJA ON-LINE, São Paulo, 12 jul, 2015. Disponível em <http://veja.abril.com.br/multimedia/video/como-veja-comecou-a-investigacao-sobre-o-mensalao/>. Acesso em: 12. jul. 2015.

VEJA ON-LINE, São Paulo, 10 de maio de 2017. Disponível em <https://veja.abril.com.br/politica/veja-como-foi-o-dia-do-depoimento-de-lula-a-curitiba/>. Acesso em 27 de fevereiro de 2019.

VEJA ON-LINE, São Paulo, 22 de fevereiro de 2017. Disponível em <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/veja-7-8211-nos-tempos-da-censura/>. Acesso em 23 de outubro de 2018.